

O elogio da instabilidade

Marcelo Diniz Martins

Tese de Doutorado em Semiologia

Orientador: Ana Maria Amorim de Alencar

Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

A tese de doutorado em semiologia “O elogio da instabilidade: ensaios por uma semiologia do corpo”, de Marcelo Diniz Martins, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da UFRJ, trata de três fenômenos que são entendidos pelo autor como efeitos do corpo na escrita: o confuso, o desfigurado e o inacabado. A tese se estrutura na forma de três elogios a cada um desses fenômenos. Ao retomar a categoria de “elogio”, Marcelo Diniz produz já uma subversão de nossas expectativas: no lugar da análise, o elogio. O elogio é uma referência da literatura antiga, faz-nos lembrar essa categoria que estrutura boa parte da arte oratória grega, tendo invadido também os diálogos de Platão. Pensamos imediatamente em *Elogio de Helena*, de Górgias, e também na série de “elogios” ao deus Amor que é representada em *O banquete*, de Platão. Uma tese composta de elogios assemelha-se a uma peça retórica. Esse é apenas um dos aspectos em que a tese de Marcelo Diniz nos surpreende.

Não satisfeita em estar estruturada em elogios, a tese tem como subtítulo “ensaios por uma semiologia do corpo”. Essa dupla determinação – o elogio e o ensaio – dá à tese um tom que a diferencia das produções acadêmicas que em geral encontramos nos trabalhos de conclusão de um curso de pós-graduação. De todas as teses que eu li, a de Marcelo Diniz foi a que mais realizou propriamente o que se pode chamar de ensaio. O que é duplamente digno de elogio: por si só, como mérito da escrita, mas também por adequação ao objeto da tese, que defende que, dentro os estilos, o ensaio é o mais próximo dos efeitos do corpo na escrita: “O ensaio parece-nos oferecer um corpo textual que mais atende às nuances desse relevo escolhido; parece-nos ainda oferecer um corpo textual mais próximo, contaminado pelos próprios problemas implicados em nosso percurso. A escolha do estilo ensaístico deve-se aos limites e aos desejos despertados tão logo nossa pesquisa enveredou pelo terreno assumido como confuso, buscando, na própria confusão, seu alimento e mobilidade” (: 51).

Esse caráter ensaístico do texto faz com que a tese, embora um trabalho teórico, mantenha-se na fronteira entre o teórico e o poético. Muitas vezes, a dimensão teórico-acadêmica fica restrita ao rodapé. A tese produz assim um balanço interessante entre o corpo do texto e o pé da página. Faz lembrar *O beijo da mulher aranha*, de Manuel Puig, em que o autor semeia, ao longo do romance, notas de rodapé, nas quais inclui as mais diversas teorias científicas e psicológicas sobre a homossexualidade, como contraponto à narrativa de uma história de

amor homossexual. Na tese de Marcelo Diniz, há um ritmo que a leitura impõe, de permanente ida e vinda, do corpo do texto, mais poético, ensaístico, ao pé da página, mais teórico, acadêmico. As citações no corpo do texto são raras e destinadas apenas a nomes maiores, como Platão, Descartes, Dante, Deleuze etc.

O tema em jogo – o corpo e sua possível relação com a escrita – é tratado às vezes como se a tese fosse só sobre o corpo, às vezes sobre o corpo e a escrita, às vezes só sobre a escrita. Em seu percurso, há também um vai-e-vem entre o corpo e a escrita, em que ora é o corpo que é privilegiado, ora a escrita, e ora, ainda, a própria relação entre ambos.

A tese também tem um movimento interessante que é associar o elogio de cada um dos termos fundamentais da tese, o confuso e o instável, a desfiguração e o inacabado, a uma discussão com algum autor fundamental, que serve como exemplo: Platão para tratar do confuso e do instável; Descartes e Dante para tratar da desfiguração; Armando Freitas Filho para tratar do inacabado. Confesso que, dos três elogios, o de que mais gostei e que julgo mais bem-sucedido é o segundo, sobre a desfiguração, a partir de Descartes e Dante. As páginas dedicadas à relação entre o corpo e o cadáver na anatomia cartesiana são um dos pontos altos, senão o mais alto da tese.

No primeiro capítulo, apesar de belíssimo em toda a sua análise da categoria do confuso e do instável, o tratamento de Platão como exemplo pareceu-me não tão feliz quanto o de Dante e Descartes. Tomar Werner Jaeger como guia não foi uma boa escolha, assim como os comentários de Deleuze sobre Platão em *Lógica do sentido* desviam Marcelo Diniz de tudo aquilo que ele poderia ter encontrado de efeitos do corpo na escrita nos diálogos de Platão. Mas considero isso um mal menor. De todo modo, senti falta de outras referências à experiência do corpo entre os gregos, sobretudo aos pré-socráticos e aos sofistas. Empédocles seria um prato cheio para Marcelo Diniz, acho.

Incomodou-me também, nesse primeiro capítulo, a presença do par corpo-consciência. Achei falar de “consciência” meio ultrapassado, tanto que, no capítulo, a consciência cumpre apenas o papel bem derrisório de vilão da estória. Fiquei tristíssimo com o fato de que a filosofia, nessa estória, tenha ficado do lado da consciência, mas... Imagino que um par mais interessante seria corpo-linguagem. Nesse caso, não haveria bandido e mocinho, e a tensão seria mais rica, mas Marcelo Diniz coloca a linguagem do lado do corpo desde o início da tese. Já no campo das relações entre o corpo e a linguagem, ele privilegia os efeitos do corpo na linguagem, mas não desconhece os efeitos da linguagem sobre o corpo. Eu gostaria de ter lido ele falar mais sobre isso.

A tese arregimenta vários discursos para sua realização e o faz muito bem, trazendo para o mesmo campo discursivo, com mestria invejável, a semiologia, a filosofia, a poesia, e constituindo o próprio dessa escrita como uma terra de ninguém. O grande ausente, na história, pareceu-me ser a psicanálise, que, no entanto, deu um jeito de entrar, furtiva, de penetra,

por intermédio de termos que, embora não esclarecidos, perpassam a tese: sintoma, gozo, desejo etc. Acho que faltou dar um lugar de maior dignidade à psicanálise. Em se tratando do corpo, ela teria muito o que dizer.

A grande questão que a tese me deixou foi quanto à “perversão como política do corpo”. Segundo Le Breton, um dos guias da tese de Marcelo Diniz, a metáfora da máquina como representação do corpo é entendida como “denegação do corpo”. Ele também fala como a máquina configura a objetividade com que a modernidade apreende o corpo para recalá-lo. Denegação, recalque, como sabemos, são termos psicanalíticos, que devemos a Freud e à sua tradução por Lacan. Eu diria que, no caso da ciência, tratar-se-ia mais de uma forclusão do corpo, algo que Marcelo, com o auxílio de Le Breton, mostra muito bem. Mas no caso da estratégia de Deleuze e Guattari, tratar-se de um desmentido do corpo (sobretudo em sua mortalidade), para usar o termo com o qual Freud e Lacan pensam a perversão. Nesse momento da tese, Marcelo Diniz, abandona Le Breton, seu companheiro de barco até então, para trocá-lo por Deleuze e Guattari: “Ousamos afirmar que enquanto a perspectiva crítica de Le Breton parece repousar ainda em uma fantasia ou nostalgia do corpo perdido com a impessoalidade do corpo moderno, fantasia ou nostalgia que só são possíveis tendo em vista a própria organicidade como figuração do corpo, Deleuze e Guattari descrevem-nos justamente um corpo feito de suas modalizações, de sua capacidade de desorganizar-se, a perversão como política do corpo” (: 103).

Após ler essas linhas, pergunto-me o que seria a perversão como política do corpo? Sobretudo, que ética do corpo poderia ser extraída dela? Em que medida essa ética não é a da ciência, isto é, a ausência de uma ética? Quando Lacan escreve “Kant com Sade”, parece ser exatamente essa equivalência que está em jogo. E, nesse sentido, Le Breton não estaria certo, se pensamos a posição de Deleuze e Guattari como equivalentes à posição da ciência?

Marcelo Diniz se utiliza, no contexto dessa discussão, da expressão “travessia da fantasia”, por exemplo, na página 108. Não creio que haja qualquer possibilidade de travessia da fantasia na perversão, sobretudo porque a perversão é a ausência da fantasia. Assim, na perversão, não existiria nenhuma fantasia a ser atravessada. Por outro lado, Freud mostrou que a perversão é constitutiva da fantasia, ou seja, a perversão não é um além da fantasia, mas um constitutivo dela. Os que encontram a perversão como política do corpo não têm acesso à perversão como constitutiva da fantasia. Exilada da fantasia, a perversão encontraria lugar no real dos corpos. Os efeitos do corpo na escrita, a partir de tudo o que Marcelo Diniz nos ensina em sua bela tese, seriam mais da ordem de uma subversão, creio, do que de uma perversão. Na subversão, a fantasia se mantém, mesmo que a tenhamos atravessado. Sem nenhuma nostalgia.

Cláudio Oliveira
[UFF]